

Sobre a obra: “Amor de Perdição”

A estética de Camilo Castelo Branco é a estética de ambiguidade, não só por esta adesão/repúdio do romantismo que se manifesta de forma mais ou menos explícita mas por uma série de outros processos formais, estilísticos, discursivos. A sua **visão do mundo, sempre dualista**, revela-se nos títulos dos seus livros (*Amor de Salvação/Amor de Perdição*; *Estrelas Propícias/Estrelas Funestas*; *O Bem e o Mal*) e até na organização e títulos dos capítulos.

Dividido em **vinte capítulos**, mais a introdução e a conclusão, o livro segue uma sucessão temporal rigidamente cronológica. *Amor de Perdição* tem como subtítulo *Memórias de uma família*. De facto, o autor narra episódios da família Correia Botelho, ou seja, **muitas das situações vividas pelo escritor e de sua própria família**. Os seus fundamentos são históricos, embora não se possa determinar com exatidão até onde vai a verdade histórica e onde começa a fantasia. Simão Botelho existiu na realidade. Por trás dele (pois era tio de Camilo), o próprio escritor revela-se um apaixonado e um desequilibrado.

Ficha de leitura

. Ação

Nesta obra, há uma coincidência com a vida do autor: é certo que a obra de Camilo e a sua vida foram lidas uma em função da outra, como reforço mútuo. E essa conjunção produzia um determinado sentido, tinha uma consequência estética. A maneira como Camilo, que era um homem que vivia da escrita, fez render esse ponto, com a legenda que criava em torno de si mesmo.

O detalhe notável é a constante referência de Camilo ao facto de escrever para viver, e de ter, assim, de dar ao público o que ele queria comprar. A novela passional é originada pelo clima emocional da época que foi absorvido pelo mundo novelístico de Camilo e nessa **atmosfera saturada de paixão e lágrimas, de grandezas e de misérias, as personagens movem-se, tal como acontece com o seu criador, não só pelos impulsos próprios, mas também pela estimulação do meio mórbido em que vivem**. E, ainda mais porque a própria família de Camilo era da mesma espécie de “brigões” e “cobiçosos” que existiam em Portugal no decorrer do século XIX, devido à grande crise que se seguiu à independência do Brasil.

Quanto à família da qual proveio Camilo, eis o apanhado mais geral: um avô magistrado e reconhecidamente corrupto; um tio assassino – o tema de *Amor de Perdição* – que, depois de mil tropelias pouco românticas, acabou degredado para a Índia; uma tia de má fama, companheira de um ricaço, cuja fortuna esbanjou depois de extorquir a herança da filha do seu primeiro casamento

e também a dos seus sobrinhos (entre eles o próprio Camilo); o pai, que viveu amantizado sucessivamente com três das suas criadas.

Esta obra-prima da ficção da língua portuguesa parece ter encontrado na tragédia *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, uma referência marcante, pois segundo o filósofo e escritor espanhol Miguel de Unamuno esta seria **a maior novela de amor da Península Ibérica**.

O romance reúne, em síntese, elementos típicos de uma mundividência que tem raízes na cultura portuguesa, particularmente na sua expressão literária, desde épocas remotas.

Dois quartos da novela constam de uma lenta narração sobre o namoro entre Simão Botelho e Teresa de Albuquerque, a separação do casal por brigas familiares, a teimosia de Teresa mantendo-se fiel a Simão, não cedendo à insistência do seu pai, Tadeu de Albuquerque, em casá-la com o fidalgo, e primo, Baltasar Coutinho.

Por outro lado, Simão, estudante em Coimbra, regressa a Viseu, resolvido a resgatar a amada, mantida num convento, ao jeito de castigo pela sua teimosia. Simão, que não conta com o apoio da sua família, mantém-se escondido na casa de João da Cruz, um ferrador. Contando com a cumplicidade do ferrador e da sua filha Mariana, o jovem está a salvo. Mariana apaixona-se pelo hóspede e auxilia-o de todas as formas, no sentido de que comunique com a amada Teresa, levando-lhe e trazendo-lhe correspondência amorosa.

O capítulo 10 pode ser considerado o clímax da narrativa: é quando se dá a morte de Baltasar Coutinho. Simão Botelho tenta encontrar-se com Teresa, aquando da mudança do convento de Viseu para Monchique. Baltasar provoca-o e Simão dispara um tiro sobre ele, matando-o. Assim os acontecimentos precipitam-se.

Os outros dois quartos da novela, ou seja, do capítulo 11 em diante, prepara-se o **desenlace trágico**. Simão é preso na cadeia da Relação, no Porto. Teresa é mantida enclausurada no convento de Monchique, também no Porto. Julgado e condenado à morte na forca, Simão passa os dias em desespero, tendo ao lado a fiel companhia de Mariana. Domingos Botelho, pai de Simão e corregedor (juiz representante do rei), nega-se a auxiliar o filho e só o faz tardiamente, quando então consegue substituição da pena por uma deportação para a Índia.

O **final trágico dá-se quando da partida de Simão para o exílio**. Teresa assiste do mirante do convento à passagem do navio que leva a seu amado e acaba por falecer. Simão, não resistindo à dor de perder a sua amada, também morre, no navio. Mariana, destroçada, suicida-se, atirando-se ao mar abraçada ao cadáver do jovem.

Narrador

O narrador não participante – heterodiegético – é apenas narrador, não é personagem, recorrendo à terceira pessoa gramatical; é omnisciente, pois tem um conhecimento total e absoluto sobre a história e as personagens dessa história: sabe o que é exteriormente observável, mas também o que faz parte do interior das personagens; o narrador é judicativo/ parcial, pois expressa opiniões e emoções.

Espaço

O espaço físico, em *Amor de Perdição*, conhece um afunilamento progressivo à medida que a ação trágica se encaminha para o seu clímax e, posteriormente, para o desenlace final. Assim, de um espaço amplo exterior onde as personagens evoluem livremente, passa-se para um espaço fechado e reduzido onde as personagens são encarceradas. Este espaço reduzido simboliza a prisão da própria vida, visto que estão enclausuradas na dimensão da própria tragédia.

Verifica-se, ainda, que, quanto maior é a privação de liberdade, menor é o espaço onde evoluem as personagens.

Simbologia na obra

Alguns elementos relacionados com os espaços que adquirem uma simbologia importante nesta obra:

- **as grades:** além das grades materiais que impressionam Simão, simbolizam os obstáculos sociais que motivam o seu encarceramento.
- **a janela:** é a ligação entre o interior e o exterior; é conotada, simbolicamente, com a interioridade de Simão e de Teresa e com a sociedade. Funciona, ainda, como a separação entre as personagens e o espaço social onde estão inseridas. Associada aos olhos, que são o “espelho da alma”, refletem o interior psíquico das personagens que se situa a outros níveis presentes na obra, através dos sentimentos dos protagonistas.
- **os fios:** simbolizam a ligação eterna dos amantes (as cartas) que não se desfaz após a morte, é uma união total do par amoroso. Os próprios amantes acreditam nessa união eterna (as cartas são testemunhas dessa teoria). Com a morte esse fio quebra-se, Mariana antes de se suicidar embrulha as cartas no seu avental e lança-se ao mar, reatando de novo os amantes.
- **o mar:** é fonte de vida, para onde foi lançado o corpo de Simão, metaforicamente o lugar de renascimento. O mar espelha o céu, o espaço onde os amantes poderiam consumar o seu amor puro, pois na terra eram condenados pelos homens.
- **o avental:** assume um valor polissémico, ligado à condição social de Mariana e ao seu sofrimento; ela limpa as suas lágrimas quando chora por Simão. Referências ao seu estado de loucura, quando Simão está na prisão, num caixote encontram-se as cartas de Teresa e o avental de Mariana. A sua simbologia reúne o trabalho e o martírio, significando o percurso de Mariana na terra que é uma forma de purificação.

Desta forma, continua presente, simbolicamente, a tragédia do triângulo amoroso, vitimado por um destino que os conduz à morte, única solução para a realização de uma vida cujos anseios mais profundos das personagens eram irrealizáveis.